



## A ECONOMIA E A SEGUNDA ALMA

Autora: Jessika Kelly Jeremias da Silva

Mestranda em Economia e Desenvolvimento PPGE&D/UFSM

Financiamento CAPES

### RESUMO

A sociolinguística enfatiza que as diferenças linguísticas são uma forma importante de diferenciação cultural que pode ter um impacto significativo na forma como as pessoas compram e consomem produtos e serviços. Por isso, neste trabalho fazemos uma abordagem exploratória de um método qualitativo e descritivo para mostrar uma literatura inicial sobre o tema. Para tentar entender como o consumo e os idiomas estão atrelados partindo assim do entendimento da sociolinguística. Utilizamos alguns autores como o Bourdieu (1991) que destaca a importância do controle sobre o uso da linguagem para perpetuar a hegemonia e as desigualdades sociais, já a abordagem de Scott (2001) sobre o conhecimento compartilhado destaca a importância das normas sociais e institucionais na moldagem da cognição e do comportamento das pessoas, com o Silverstein (1996) sobre a heterogeneidade das práticas linguísticas destaca a importância do contexto social e cultural no uso do idioma, e argumenta ser fundamental entender as normas linguísticas e as práticas linguísticas para compreender a sociedade e o poder. Esses três pesquisadores destacam a importância do poder na estruturação das relações sociais e políticas. O poder simbólico, institucional e linguístico são conceitos inter-relacionados que destacam diferentes aspectos do poder e da sua relação com a linguagem e as instituições sociais. O que gera efeitos para não só o poder econômico como também para a forma de consumo de forma individual e em grupo. O objetivo do artigo é responder à pergunta “Como a distância sociocognitiva idiomática se relaciona com a economia”?

Palavras-chave: Instituições. Consumo. Cultura. Economia



## OBJETIVO GERAL

Responder como a distância cognitiva entre os idiomas se relaciona com a economia.

## 1. INTRODUÇÃO

As teorias são de forma geral sobre como o cientista percebe o mundo à sua volta. Na ciência econômica não é diferente. Na linguagem econômica de se perceber o mundo tentamos juntar através das variáveis sistemas matemáticos, estatísticos, descritivos e sociais e até mesmo o período. Por diversas vezes esquecemos por um lapso que apesar dos números estáticos e momentâneos a economia é uma ciência viva, e pela vida analisada no cotidiano é se exprimem as teorias sejam elas dominantes ou não. O fato é que esta vida econômica cotidiana pode ser atrelada também a experiência de vida do próprio cientista que faz de si o próprio deus criador das teorias, mesmo que envolto por uma camada de testes, hipóteses, meios metodológicos e tentam afastar o criador da criatura.

O idioma é frequentemente usado como uma ferramenta de projeção de poder, pois é um meio através do qual a cultura, a política e as normas sociais são transmitidas e perpetuadas. O controle sobre o idioma, incluindo a regulamentação da linguagem e o incentivo à sua utilização, pode ser usado para impor a hegemonia de determinados grupos sociais e políticos sobre outros. Além disso, o uso do idioma pode ser usado para reforçar a identidade de grupos, além de também poder criar barreiras entre grupos sociais, políticos e culturais. O idioma por si só é uma ferramenta poderosa na construção e manutenção de relações sociais e políticas desiguais.

O artigo "*Perfect Timing? Dominant Category, Dominant Design, and the Window of Opportunity for Firm Entry*" de Suárez et al (2014) examina a relação entre o surgimento de uma categoria dominante e a janela de oportunidade para a entrada de novas empresas na indústria. De acordo com os pesquisadores, o tempo necessário para uma categoria dominante surgir nas fases iniciais da indústria aumenta com a distância entre as categorias, mas a distância é entendida como sociocognitiva para o entendimento dos produtos. Este estudo sugere que a janela de oportunidade para a entrada de novas empresas é influenciada pela evolução da categoria dominante e pelo design dominante da categoria..

Segundo Suarez et al (2014) O tempo necessário para uma categoria dominante





assimilações, na qual economia seria moldada por vontades próprias e necessidades perenes por exemplo no entendimento de escassez pautada por Thomas Malthus no século XVIII, assim como outras tais como o consumo, renda, privação das vontades. Tendo isso posto, na análise até agora observada vemos que a economia é influenciada não só pelo o que o cientista é capaz de observar, mas pelo tempo (ambiente amostral) vivido e pelo idioma. Parafraseando o Imperador do império Otomano Carlos Magno disse que ter um segundo idioma seria como ter uma segunda alma, por isso nos vem a pergunta: Como a distância sociocognitiva idiomática se relaciona com a economia?

## 2. IDIOMA COMO INSTITUIÇÃO SOCIOCOGNITIVA

### 2.1 O que é a Sociolinguística?

Segundo "*Sociolinguistics and Consumer Behaviour*" de Jane Aronovitch e "*Language and Consumer Culture*" de Tony Thorne, a sociolinguística corrobora com pensamento o qual as diferenças linguísticas podem afetar as escolhas de compra e o comportamento de consumo de várias maneiras. Primeiro, o idioma pode ser visto como uma marca cultural a qual transmite informações sobre a identidade, a história e os valores de uma pessoa ou grupo. Isso pode influenciar a forma como as pessoas percebem e avaliam produtos e serviços.

Além disso, as diferenças linguísticas podem afetar a forma como as informações sobre produtos e serviços são transmitidas e compreendidas. Por exemplo, a tradução inadequada de um anúncio para outro idioma pode resultar em uma mensagem distorcida ou confusa que afete negativamente a percepção do produto. Outra forma como as diferenças linguísticas podem afetar as escolhas de compra é através da criação de grupos de consumidores que compartilham uma língua comum. Estes grupos podem ter preferências culturais similares e preferências de compra semelhantes, o que pode influenciar a escolha de produtos e serviços.

A sociolinguística enfatiza que as diferenças linguísticas são uma forma importante de diferenciação cultural que pode ter um impacto significativo na forma como as pessoas compram e consomem produtos e serviços.

### 2.2. O idioma afetando áreas que vão além da economia clássica

Quando pensamos em diferenças idiomáticas, devemos pensar em como e por que essas diferenças foram estabelecidas. Um grande influenciador para criação, especificação e personalização do idioma é o clima. Por exemplo, países como Escócia e Alasca têm uma variação maior de palavras para determinar o que nós brasileiros conhecemos só de "neve".









percebem o mundo e agem dentro dele. Para o autor as normas sociais e institucionais são perpetuadas através da transmissão intergeracional de conhecimento compartilhado, e a mudança dessas normas é um processo lento e difícil devido à resistência a mudanças em conhecimentos compartilhados alcançados.

Silverstein (1996) destaca a heterogeneidade das práticas linguísticas e trás a informação no qual o uso do idioma pode ser usado para fortalecer as diferenças sociais e para criar barreiras entre grupos. As normas linguísticas são influenciadas por diferentes contextos sociais e no qual o uso da linguagem pode ser usado para expressar poder e identidade. Michael Silverstein foi um linguista, antropólogo e psicólogo estadunidense, conhecido por sua abordagem da heterogeneidade das práticas linguísticas. Em sua obra "Histórias naturais do discurso" (1996), corrobora que o uso do idioma é influenciado por contextos sociais e culturais distintos, e a linguagem é usada para expressar poder e identidade. Silverstein enfatiza as normas linguísticas são relativas e a diversidade linguística

é uma característica fundamental da humanidade e as práticas linguísticas são moldadas por fatores como relações de poder, diferenças culturais e sociais, e contextos históricos e políticos (SILVERSTEIN, 1996). Silverstein também destaca a importância do estudo das práticas linguísticas como uma forma de entender a sociedade e o poder. O uso da linguagem pode ser usado para fortalecer as diferenças sociais e para criar barreiras entre grupos, o qual é importante compreender as normas linguísticas e as práticas linguísticas para compreender as estruturas de poder e as desigualdades sociais.

Michael Silverstein (1996) corrobora para compreender a sociedade e o poder, é necessário analisar as práticas linguísticas de maneira multidisciplinar e considerar as diferentes dimensões da linguagem, incluindo o uso do idioma em diferentes contextos, a forma como a linguagem é produzida e consumida, e as relações de poder se desenvolvem a partir da linguagem. De acordo com Silverstein, a linguagem é uma prática social complexa e polissêmica que pode ser usada para expressar e perpetuar a diferença de poder e status na sociedade. Além disso, a linguagem é uma ferramenta importante para a construção e reprodução de identidades e relações sociais, e pode ser usada para controlar o acesso à informação e às oportunidades desanimadas.

De acordo com Silverstein, as dimensões de poder se desenvolveram incluem a dimensão ideológica, a dimensão institucional e a dimensão estratégica. A dimensão ideológica se refere ao poder o qual a linguagem tem de produzir e reproduzir valores, crenças e atitudes. A dimensão institucional se refere ao poder das instituições, tais como









através da distinção linguística entre diferentes grupos sociais. Ainda, o trabalho de sociolinguistas como Joshua Fishman e Bonnie McElhinny são relevantes para entender o debate sobre o poder linguístico. Fishman corrobora que o poder linguístico é uma forma de poder político, se manifesta na regulação da língua e da comunicação na sociedade. McElhinny, por sua vez, complementa que o poder linguístico é uma forma de poder cultural, se manifesta na construção de relações culturais superiores através da língua. O poder linguístico pode ter um impacto significativo sobre o poder econômico. O conhecimento e uso de uma determinada língua, especialmente uma língua dominante ou prestigiada, pode dar a uma pessoa ou grupo vantagens benéficas.

## 5. PODER ECONÔMICO TAMBÉM É LINGUÍSTICO

O poder econômico e o poder linguístico estão estreitamente ligados. O poder econômico pode ser visto como uma forma de poder material, enquanto o poder linguístico é uma forma de poder simbólico. A língua é uma ferramenta importante de comunicação e, como tal, pode ser usada para controlar e influenciar as pessoas e as sociedades. Aqueles que controlam a língua ou o uso da língua, como governos ou empresas, também podem controlar a informação e a maneira como as pessoas pensam e se comportam. (PHILLIPSON, R. 1992; BOURDIEU, P.1991).

O poder econômico também pode ser fortalecido pelo poder linguístico, pois a língua pode ser usada para controlar o acesso à informação e à educação, e para perpetuar as desigualdades. Por exemplo, se uma língua dominante é usada exclusivamente em contextos médicos, a autores que não falam corretamente podem ser desfavorecidos no mercado de trabalho. Da mesma forma, se a educação é dada exclusivamente na língua dominante, aquo autores que não a falam corretamente podem ter dificuldades para obter uma educação de qualidade e, por conseguinte, para alcançar um poder econômico igualitário.(PHILLIPSON, R. 1992; BOURDIEU, P.1991).

Em "Imperialismo linguístico", Phillipson argumenta que a difusão de línguas dominantes através do mundo é uma forma de imperialismo linguístico que pode ter efeitos negativos sobre grupos linguísticos menos privilegiados. De acordo com Phillipson, o uso de línguas dominantes em contextos psicológicos e psicológicos internacionais é um fator que perpetua as desigualdades sociais. O autor também complementa que o investimento em educação e treinamento em línguas dominantes pode aumentar a desigualdade econômica entre grupos linguísticos.

Phillipson (1992) defende que o uso de línguas dominantes pode criar barreiras ao acesso ao conhecimento e à educação, e a promoção de línguas menos privilegiadas é



necessária para garantir a igualdade econômica e a justiça linguística. De acordo com Phillipson, "*Linguistic imperialism*", existem vários problemas psicológicos resultam do imperialismo linguístico. Alguns desses problemas incluem:

- a) Barreiras ao acesso ao conhecimento e à educação: O uso de línguas dominantes em contextos educacionais e acadêmicos pode criar barreiras para grupos linguísticos menos privilegiados, impedindo-os de acessar informações e conhecimentos valiosos.
- b) Desigualdade econômica: A promoção de línguas dominantes pode perpetuar as desigualdades negativas entre grupos linguísticos, pois aumenta a demanda por educação e treinamento nessas línguas, e os grupos linguísticos menos privilegiados são excluídos desses recursos.
- c) Dependência econômica: O uso de línguas dominantes pode criar dependência econômica entre grupos linguísticos, pois grupos linguísticos menos privilegiados são obrigados a depender das línguas dominantes para se comunicarem em contextos políticos.

Phillipson trás a ideia de que o imperialismo linguístico é um fator importante que perpetua as desigualdades econômicas e sociais, a promoção de línguas menos privilegiadas é necessária para garantir a igualdade econômica e a justiça linguística. De acordo com Phillipson, em "*Imperialismo linguístico*", diz que o poder linguístico perpetua as desigualdades negativas e sociais de várias maneiras. Para ele as línguas dominantes são usadas para controlar e influenciar outras culturas, e isso tem um impacto negativo sobre os grupos linguísticos menos privilegiados. Alguns dos efeitos do poder linguístico incluem:

- a) Exclusão econômica: O uso de línguas dominantes em contextos psicológicos e psicológicos pode excluir grupos linguísticos menos privilegiados de acesso a recursos psicológicos.
- b) Desigualdade na educação: A promoção de línguas dominantes nas escolas e nos sistemas educacionais pode perpetuar a desigualdade econômica, pois grupos linguísticos menos privilegiados são excluídos do acesso a uma educação de qualidade.
- c) Controle econômico: O uso de línguas dominantes em contextos psicológicos pode perpetuar o controle econômico por parte de grupos linguísticos mais privilegiados, impedindo a igualdade econômica e social.

Phillipson informa que é importante reconhecer e combater o imperialismo linguístico para promover a igualdade econômica e social e garantir a justiça linguística. Ainda de









c) Identidade relativa: a língua é usada para definir e afirmar a identidade de grupos sociais e indivíduos, e para estabelecer diferenças entre eles.

De acordo com Scott, esses pilares são interdependentes e atuam juntos para perpetuar as diferenças sociais através da linguagem. (SCOTT, 2011)

## 6. PROJEÇÃO DE PODER ECONÔMICO E LINGUÍSTICO

A projeção de poder linguístico pelo Cardeal de Richelieu pode ser vista em sua política de imposição do francês como a língua oficial da França na primeira metade do século XVII. O autor acreditava que a língua era uma forma de unificar e consolidar o poder político, e por isso, promoveu a difusão e o uso do francês em todos os aspectos da sociedade francesa. Isso foi visto como uma forma de afirmar a autoridade do Estado sobre a sociedade e de controlar a população, já que a compreensão e uso da língua oficial eram requisitos para a participação plena na sociedade.

A promoção e difusão do francês pelo Cardeal de Richelieu, também conhecido como Armand Jean du Plessis, foi uma estratégia política visando fortalecer a posição do francês como língua de prestígio e influência na Europa. Atuou como o principal ministro do rei Luís XIII da França e, em 1635, estabeleceu o Colégio de France como uma instituição para o ensino das línguas clássicas, incluindo o francês. Além disso, apoiou o uso do francês em documentos oficiais, cartas patentes e em audiências com embaixadores estrangeiros. Esta iniciativa foi um dos exemplos mais antigos de projeção de poder linguístico na história, e teve um impacto duradouro na língua e na cultura francesas, além de influenciar outros países na Europa e na América.

Essas ações contribuíram para a projeção do francês como uma língua de prestígio e influência na época, consolidando o poder linguístico da França e projetando próximo das principais potências europeias. Além disso, a promoção do francês pelo Cardeal de Richelieu contribuiu para a unificação linguística da França, que até então era marcada por uma grande variedade de dialetos e línguas regionais. O Cardeal viu a língua como um instrumento de unificação do país e como uma ferramenta para aproximar a nobreza e o clero da corte real. Além disso, também acreditava que a língua francesa poderia ser utilizada como uma forma de projetar o poder francês no exterior.

Esta promoção e difusão do francês teve um impacto significativo na economia francesa. A adoção da língua como a língua oficial da corte real e da administração pública ajudou a consolidar a posição econômica do país, uma vez que permitiu aos franceses competirem de maneira mais eficaz com outras nações europeias no comércio internacional. Além disso, a promoção do francês também facilitou a circulação de ideias e a disseminação de



informações, o que foi fundamental para o desenvolvimento da economia francesa. (Scott Warren, 2002. Furet, F., & Ozouf. 1988).

Calcular o aumento do prestígio econômico e cultural da França depois da difusão do francês é uma tarefa complexa, pois envolve uma série de variáveis econômicas, culturais e históricas. Além disso, é difícil mensurar o impacto exato da difusão do francês sobre o prestígio econômico e cultural da França, pois existem muitos outros fatores que contribuíram para o crescimento econômico e cultural da França na época. No entanto, algumas análises podem ser realizadas para entender a tendência e o impacto geral da difusão do francês na França. Seria necessário consultar fontes primárias e secundárias, como livros de história, artigos acadêmicos e estatísticos econômicos para compreender a relação entre a difusão do francês e o prestígio econômico e cultural da França, o qual daria material suficiente para um outro trabalho.

Também existiu a projeção do português na criação do Brasil se deu como a língua oficial do país, imposta pelos colonizadores portugueses durante o período colonial. O português foi a língua oficial da administração e da igreja, e também a língua de comunicação entre os colonizadores e os nativos. Como resultado, o português se tornou a língua dominante na sociedade brasileira e se manteve como tal após a independência do Brasil. Uma referência importante sobre este assunto é "Língua e poder no Brasil colonial" de Manuela Carneiro da Cunha (2002). O livro trata da forma como o português foi utilizado como instrumento de dominação e como a língua se tornou uma importante forma de manutenção do poder colonial na América Latina.

Muito embora a linguagem assim como a economia seja viva, a utilização dela como instrumento para a unificação estatal é realizada de maneira regulativa assim como demonstra Scott(2003). O pilar institucional regulativo, de acordo com Scott (2003), é um dos três pilares do poder institucional, juntamente com o pilar normativo e o pilar cultural-cognitivo. Este pilar se refere ao poder derivado das instituições reguladoras e das regras que governam o comportamento humano. O poder institucional regulativo está presente em regulamentos, leis, regulamentos governamentais, códigos de conduta, normas sociais, etc. Essas normas e regulamentos são o resultado de acordos sociais estabelecidos entre os membros da sociedade, e seu papel é regular e regular o comportamento humano. (SCOTT, 2003)

A aplicação dessas normas e regulamentos é realizada por autoridades, como a polícia, os tribunais, etc. Este pilar do poder institucional regulativo é importante porque permite que as relações sociais sejam reguladas, garantindo assim a estabilidade social e a



previsibilidade no comportamento humano. (SCOTT, 2003)

[1] Tradução pela autora

[2] Tradução pela autora

## REFERÊNCIAS

BORODITSKY, Lera. Effects of Language on Visual Perception. Trends in Cognitive Sciences, November 2020, Vol. 24, No. 11 <https://doi.org/10.1016/j.tics.2020.08.005> © 2020 Elsevier Ltd. All rights reserved.

BORODITSKY, Lera. et al Work in the Dasen lab is supported by grants from the NIH (NINDS R01 NS062822, R21 NS099933). 1 Neuroscience Institute, Department of Neuroscience and Physiology, NYU School of Medicine, New York, NY 10016, USA <https://doi.org/10.1016/j.tins.2018.07.013>

BORODITSKY, Lera. et al. How Linguistic Metaphor Scaffolds Reasoning. Trends in Cognitive Sciences, November 2017, Vol. 21, No. 11 <http://dx.doi.org/10.1016/j.tics.2017.07.001> © 2017 Elsevier Ltd. All rights reserved.

Bourdieu, P. (1979). A Distinção: crítica social do julgamento. Editora Martins Fontes.

BOURDIEU, P. (1991). Language and symbolic power. Cambridge, UK: Polity Press.

Bourdieu, P. (1991). Linguagem e poder simbólico. Imprensa Política.

Darnton, R. (1984). The great cat massacre and other episodes in French cultural history. Basic Books.

Dicionário escocês <https://scotsthesaurus.org/thecat/873/>

direitos humanos?. Lawrence Erlbaum Associates.

Fishman, J. A. (1972). The sociology of language. Rowley, MA: Newbury House. Fishman, J.

A. (1991). Reversing language shift: Theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages. Clevedon: Multilingual Matters.

Fishman, J. A. (2001). Can threatened languages be saved? Reversing language shift revisited: A 21st century perspective. Clevedon: Multilingual Matters.

Fishman, J.A. (1972). Linguagem em sociologia. In J. J. Gumperz & D. Hymes (Eds.), Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication (pp. 87-102). Holt, Rinehart





e Winston.

Fishman. Language and Ethnicity in Minority Sociolinguistic Perspective (1966) e Bilingual Education: An International Sociological Perspective (1976).

Foucault, M. (1972). The archaeology of knowledge. Tavistock.

Foucault, M. (1975). Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Editora Vozes. Foucault, M. (1977). Discipline and punish: The birth of the prison. Random House. Foucault, M. (1980). Power/knowledge: So autorcted interviews and other writings, 1972- 1977.

Furet, F., & Ozouf, M. (1988). Reading and writing: literature and language in France, from Calvin to Rousseau. Cambridge University Press.

**[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/10/16/interna\\_internacional,698662/escoceses-superam-esquimos-mais-de-400-palavras-para-neve.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/10/16/interna_internacional,698662/escoceses-superam-esquimos-mais-de-400-palavras-para-neve.shtml)**

Leglise, I. (2010). Richelieu e a língua francesa. A língua francesa, (165), 17-33. McElhinny, B. (1996). O poder da linguagem na construção do direito internacional: a palavra soberania em bodin e vattel e a evolução do princípio. Imprensa da Universidade de Oxford.

List. encontrado em:

<https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/9314/1/TESE%20DE%20DOUTORADO%20-%20Vers%c3%a3o%20entregue%20em%2003-10-2017.pdf>

O desenvolvimento de guiné bissau- julio cateia, igor castelano, julio rohenkohl Troca cultural - <https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/2175-8085.2018v21n1p97/36682>

Pantheon Books.

Perennes, J.-M. (1993). A política linguística de Richelieu. Francês no mundo, (308), 25-31.

Phillipson, R. (1992). Imperialismo linguístico. Imprensa da Universidade de Oxford. R. K. Shuy & R. W. Fasold (eds.), Language Loyalties: A Source Book on the Official English Controversy, pp. Imprensa da Universidade de Chicago.

Scott, C. J. (2011). The relative pillar theory of language and social difference. Journal of Sociolinguistics, 15(3), 365-382.

SCOTT, W. R. (2001). Institutions and organizations. Sage publications. SCOTT, W. Richard. Institutions and Organizations: ideas and interests. California: Sage, 2008.

Scott-Warren, J. (2002). The politics of language in early modern France. French history, 16(2), 165-184.



Silverstein, M. (1996). "Dimensões sociolinguísticas e culturais da política linguística." Em SILVERSTEIN, M. (1996). Monoglossia and heteroglossia. In J. B. Pride & J. Holmes (Eds.), Sociolinguistics: A reader and coursebook (pp. 191-210). Basingstoke, UK: Macmillan.

Skutnabb-Kangas, T. (2000). Genocídio linguístico na educação – ou diversidade mundial e SUAREZ, Fernando F. et al. Perfect timing? Dominant category, dominant design, and the window of opportunity for firm entry. Strategy and Innovation Department, Boston University School of Management, Boston, Massachusetts, U.S.A. 2 SKK Graduate School of Business, Sungkyunkwan University, Seoul, Korea

The Lewis Model – Dimensions of Behaviour <https://www.crossculture.com/the-lewis-model-dimensions-of-behaviour/?cn-reloaded=1>

The Lewis Model Explains Every Culture In The World <https://www.businessinsider.com/the-lewis-model-2013-9>

Um tratado sobre probabilidade - Keynes

Vayssiere, P. (2002). Richelieu e a política linguística. Revisão da história moderna e contemporânea, 49(4), 775-791.

VEBLEN, Thorstein B.. Por que a economia não é uma ciência evolucionária? In: Salles, A. O. T.; Pessali, H. F.; e Fernandez, R. G. (Orgs.). Economia Institucional: fundamentos teóricos e históricos. São Paulo: UNESP, 2017

VEBLEN, Thorstein. A Teoria da Classe Ociosa: um estudo econômico das instituições. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

When Cultures Collide - Richard D. Lewis <https://pocketbook4you.com/pt/read/when-cultures-collide>